

# **Crenças e atitudes linguísticas no Sudoeste do Paraná: tendências de reação frente às diferentes línguas e etnias**

(Beliefs and attitudes in the Southwest of Paraná: tendencies of reaction towards different languages and ethnicities)

**Clarice Cristina Corbari<sup>1</sup>, Aparecida Feola Sella<sup>2</sup>**

<sup>1,2</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

ccorbari@yahoo.com.br, afsella1@yahoo.com.br

**Abstract:** This article presents partial results of a research on linguistic beliefs and attitudes of speakers from three localities in the Southwest of Paraná, on the border of Argentina: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita and Capanema. This region experienced legal, political and social disputes engendered by the process of land occupation, whose implications may have been reflected on the relations established among the various ethnic groups that contacted each other in that territory, fostering both positive and negative manifestations towards the local speeches. The study focuses on the tendencies of reaction towards neighborly, affective and professional relationships with members of different ethnic groups that belong to the population of the localities. The discussions are guided by theoretical and methodological principles of Sociolinguistics, Sociology of Language and Social Psychology related to the topic.

**Keywords:** linguistic beliefs and attitudes; languages in contact; border area.

**Resumo:** Este artigo apresenta resultados de pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas de falantes de três localidades do Sudoeste do Paraná, na fronteira com a Argentina: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita e Capanema. Essa região foi palco de conflitos jurídicos, políticos e sociais engendrados pelo processo de ocupação das terras, cujas implicações podem ter se refletido nas relações estabelecidas entre os diversos grupos étnicos que entraram em contato nesse território, propiciando manifestações tanto positivas quanto negativas frente aos falares locais. O estudo focaliza as tendências de reação frente às relações de vizinhança, afetivas e profissionais com membros das diversas etnias que compõem a população das localidades. Norteiam as discussões os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, da Sociologia da Linguagem e da Psicologia Social referentes ao tema.

**Palavras-chave:** crenças e atitudes linguísticas; línguas em contato; contexto de fronteira.

## **Introdução**

Os contatos estabelecidos em contextos de fronteira fazem desse espaço um complexo cenário sociolinguístico e cultural, propiciando sobremaneira o estudo das línguas em contato e das crenças e atitudes relacionadas a essas línguas e seus usuários. De acordo com Sturza,

As fronteiras geográficas são preenchidas de conteúdo social. Se as fronteiras são sociais, se nelas vivem diferentes etnias [...] o contato linguístico é uma consequência inevitável, e a situação das práticas linguísticas nessas regiões, de um modo geral, um campo pouco explorado pela linguística brasileira. (2005, p. 47)

Existe uma estreita relação entre língua e identidade, de tal forma que, conforme Moreno Fernández (1998), uma variedade linguística pode ser interpretada como um tra-

ção definidor da identidade. Assim, segundo o autor, as atitudes em relação a grupos com certa identidade são, em parte, atitudes em relação às variedades linguísticas usadas por esses grupos e em relação aos próprios usuários. Entende-se, portanto, que o estudo das crenças e atitudes linguísticas presentes em localidades multilíngues seja pertinente pela possibilidade de fornecer indícios para a análise do comportamento linguístico dos falantes em relação à variação, revelando os elementos que atuam nas relações sociais entre os diferentes grupos.

No caso do Sudoeste do Paraná, ainda são poucos e recentes os estudos sobre as crenças e atitudes linguísticas (SILVA-PORELI, 2010; PASTORELLI, 2011), fazendo valer para esse contexto específico a reflexão de Sturza sobre as fronteiras do Brasil:

Quase dois séculos depois de conflitos, solucionados pelas armas ou pela diplomacia, ainda desconhecemos muito da situação de contato das línguas portuguesa e espanhola nas zonas fronteiriças do Brasil com os demais países hispano-americanos. [...] mesmo onde os agrupamentos são menores e menos populosos, a fronteira efetivamente é complexa pela natureza de sua formação e pelo modo como se estabelecem ali as relações sociais das diferentes etnias que nela habitam. (STURZA, 2005, p. 47)

Primeiramente habitada por caboclos, que ocuparam a terra na condição de posseiros, a região Sudoeste do Paraná recebeu posteriormente argentinos e paraguaios, que chegaram a compor 25% da população da fronteira no auge da exploração da erva-mate. Com a diminuição dessa atividade extrativa na região, os argentinos e paraguaios começaram a se evadir, chegando a menos de 1% da população regional nos anos 1940. Nessa década e na seguinte, levas de descendentes de imigrantes, predominantemente de origens alemã e italiana, instalaram-se na região, vindos de colônias previamente formadas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, atraídos pela possibilidade de compra de terras a preços irrisórios (WACHOWICZ, 1985).

Por ser uma região fértil e rica, o Sudoeste do Paraná foi disputado tanto pela Argentina e pelo Brasil, quanto pelos Estados do Paraná e Santa Catarina. Segundo Lazier (2003, p. 146), “[...] essa desavença pela posse das terras envolveu também a Cia. de Estradas de Ferro São Paulo-Rio Grande, a CITLA, o Governo Federal, o Governo do Paraná e, principalmente, posseiros”.

O conflito entre os dois Estados pela posse dessa região se originou ainda no Brasil colônia e continuou com a criação da Província do Paraná, em 1853. Após a Guerra do Contestado, os dois Estados assinaram o acordo de fronteira, ficando para Santa Catarina a maior parte das terras em litígio. Foi só a partir de 20 de outubro de 1916 que a região passou a pertencer ao Estado do Paraná (LAZIER, 2003).

Na questão da disputa entre os dois países, Lazier (2003) informa que, ao ser definida a linha divisória entre eles, a Argentina reivindicou a região onde hoje é o Sudoeste do Paraná; o Brasil, por sua vez, defendia a conformação que a fronteira tem atualmente. A disputa só foi decidida em 1889, quando Cleveland, o então presidente dos Estados Unidos, escolhido como juiz da questão, deu ganho de causa ao Brasil. Porém, a divisa só veio a ser definitivamente estabelecida em 1898, por meio de um tratado. Tendo em vista essa situação, é possível que o conflito entre os dois países tenha gerado certa animosidade entre brasileiros e argentinos.

Olhar para a sócio-história pode fornecer pistas para a compreensão da natureza das relações linguístico-culturais estabelecidas em determinado espaço geossocial. No Sudoeste do Paraná, o modo de ocupação das terras, ao engendrar diversos conflitos jurídicos, políticos e sociais, pode ter trazido implicações que se refletiram nas relações instauradas entre os diversos grupos étnicos que entraram em contato nesse território. Este artigo constitui uma tentativa de verificação do contexto cultural e linguístico de uma região que, além de histórico recente, constituiu-se na soma de culturas. Por isso, apresenta alguns resultados de pesquisa descritiva sobre crenças e atitudes linguísticas de falantes de três localidades situadas nessa região, na fronteira com a Argentina: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita e Capanema. O estudo se concentra nas tendências de reação dos informantes frente às relações de vizinhança, afetivas e profissionais com membros das diversas etnias que compõem a população das localidades.

No contexto linguístico e cultural atual dessas localidades, além da diversidade étnica resultante da colonização e da mistura entre hispânicos e brasileiros (incluindo aqui os caboclos), há ainda o contato entre brasileiros e argentinos que atravessam continuamente a fronteira entre Brasil e Argentina, especialmente em Santo Antônio do Sudoeste, gerando uma permanente interação linguístico-cultural. Todas essas características tornam as localidades um espaço cultural e linguisticamente complexo, favorecendo o estudo das culturas e línguas em contato.

A fronteira constitui algo mais que o mero fato geográfico: os sujeitos envolvidos nesse espaço fazem dela também um fato social. Por essa razão, esse cenário de línguas e culturas em contato se torna, inevitavelmente, campo propício para a manifestação de crenças e atitudes, sejam elas positivas ou negativas, em relação à língua e à cultura do “outro”, que, em última instância, são crenças e atitudes em relação aos próprios sujeitos que se identificam com tal língua e cultura.

### **Crenças e atitudes linguísticas: pressupostos teóricos**

Diversas áreas do conhecimento, em especial a Psicologia Social, a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem, contribuem para o estudo das crenças e atitudes linguísticas. A tarefa da Psicologia Social é fornecer subsídios para o estudo dos papéis que os motivos, as crenças e a identidade exercem no comportamento linguístico do indivíduo (LAMBERT; LAMBERT, 1966). A Sociolinguística, por sua vez, colabora com a tarefa de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso da(s) língua(s), bem como suas crenças a respeito de seu próprio comportamento linguístico e o dos demais falantes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004). Já a Sociologia da Linguagem focaliza toda a gama de tópicos relacionados à organização social do comportamento linguístico, incluindo não apenas o uso da língua em si, mas também as atitudes explícitas em relação à língua e aos seus usuários (FISHMAN, 1972).

As observações e interpretações do comportamento social, cultural ou linguístico das pessoas com quem entramos em contato diariamente resultam em atribuições que formam a base de nossas atitudes, as quais, por sua vez, influenciam nosso comportamento em relação aos membros de nosso ou de outro grupo social. (PADILLA, 1999). No que se refere ao comportamento linguístico:

[...] existe na sociedade o que poderíamos chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, em uma palavra, *normas* que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais [...] e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados. (CALVET, 2002, p. 72, grifo do autor).

O conceito de atitude, primeiramente elaborado pelos psicólogos sociais, também pode ser aplicado às atitudes linguísticas. Lambert e Lambert (1966, p. 77) definem a atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Para esses psicólogos, a atitude é formada por três componentes: pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções, e tendências de reação. Porém, a definição da estrutura componencial da atitude está longe de consenso. Bem (1973), por exemplo, acrescenta o componente social: para o autor, as crenças e atitudes humanas se fundamentam em quatro atividades do homem – pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros –, que correspondem aos quatro fundamentos psicológicos das crenças e atitudes – cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais. Já López Morales (1993) identifica na atitude apenas o componente conativo, separando os conceitos de crença e atitude e situando-os em níveis diferentes.

As abordagens das atitudes refletem o conceito que se tem de atitude. Duas perspectivas sobressaem: (a) a mentalista, que concebe a atitude como uma entidade complexa, compreendendo os elementos cognitivo ou cognoscitivo, afetivo e conativo – embora, como lembra Moreno Fernández (1998), existam discrepâncias no interior dessa abordagem para determinar como se relacionam entre si esses elementos –, e (b) a behaviorista ou comportamentalista, em que a atitude é composta de um elemento único, geralmente afetivo ou de valoração. Neste estudo, utiliza-se a abordagem mentalista, com foco no componente conativo.

Conforme descrevem alguns autores (GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; BLANCO CANALES, 2004), para a perspectiva mentalista, de natureza psicológica, a atitude é uma disposição mental em relação a condições ou fatos sociolinguísticos concretos, razão pela qual não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas apenas deduzi-la a partir de certa informação psicossociológica, sendo necessário recorrer a técnicas indiretas. Já a concepção comportamentalista ou behaviorista interpreta a atitude como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo – uma variedade linguística, por exemplo –, de modo que pode ser observada diretamente a partir do comportamento do indivíduo dentro de certas situações sociais.

No âmbito das atitudes de forma geral, as atitudes linguísticas constituem uma categoria particular, uma vez que o objeto da atitude não são as línguas, mas os grupos que as falam. As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e possibilitam a leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico. Nessa perspectiva, o estudo das crenças e atitudes linguísticas precisa estar fundamentado na relação entre língua e identidade étnica, pois, segundo Liebkind (1999), usar a língua influencia a formação da identidade de grupo, que, por sua vez, influencia os padrões de atitude e uso linguísticos.

Para Moreno Fernandez (1998), as atitudes linguísticas têm a ver com as línguas mesmas e com a identidade dos grupos que as manejam. Existe, portanto, uma estreita relação entre língua e identidade, que, não raro, manifesta-se nas atitudes dos indivíduos

em relação a essas línguas e a seus usuários. Uma variedade linguística pode ser interpretada como um traço definidor da identidade, daí que as atitudes em relação aos grupos com certa identidade sejam em parte atitudes em relação às variedades linguísticas usadas nesses grupos e em relação aos usuários de tais variedades (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GROSJEAN, 1982). Nesse sentido, as “atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (TARALLO, 1985, p. 14). Aguilera (2008) alinha-se a esse pensamento ao afirmar que a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de um determinado grupo étnico. Decorre daí que, “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente” (AGUILERA, 2008, p. 106). É a língua que simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, uma vez que a língua que falamos identifica a nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos.

## **Metodologia da pesquisa**

Este estudo parte de dados coletados pelo Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009) em regiões de fronteira e imigração, no Paraná. O projeto envolveu oito municípios, sendo seis fronteiriços ao Paraguai e à Argentina, e dois situados na região central do Estado. Dentre esses municípios, esta pesquisa focaliza três, conforme já anunciado: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita e Capanema.

O aporte metodológico das pesquisas sobre crenças e atitudes linguísticas advém principalmente da Psicologia Social. Para o projeto em questão, adotou-se uma metodologia baseada na abordagem mentalista, na perspectiva de que, conforme Blanco Canales (2004), apesar das evidentes desvantagens dessa proposta, que demanda um mecanismo que permita inferir e medir as atitudes, é a mais bem aceita devido à sua capacidade de prever o comportamento verbal e, portanto, converter-se em modelos sistemáticos.

O instrumento de coleta de dados seguiu a orientação de Lambert e Lambert (1966), que propõem medir as atitudes por meio de um questionário contendo itens que representem os três componentes da atitude: o cognitivo, o afetivo e o conativo. Desse modo, elaborou-se um questionário para as entrevistas com base em tais critérios, adaptados à realidade sociolinguística e cultural das comunidades de fala investigadas, com 48 perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português de cada localidade.

A seleção dos informantes foi planejada com base em três dimensões: (a) a diageracional, contemplando três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos, e 51 a 70 anos; (b) a diastrática, optando-se pela escolaridade como parâmetro definidor de classe social, resultando na definição de três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior; e (c) a diassexual, contemplando sujeitos dos gêneros/sexos feminino e masculino. Da combinação das variáveis resultou a seleção de dezoito informantes para cada localidade pesquisada.

Para o desenvolvimento da análise aqui empreendida, foram selecionadas as perguntas do questionário cujas respostas pudessem revelar, principalmente, tendências de reação dos informantes diante da possibilidade de contato (profissional, afetivo e de vizinhança) com membros das diversas etnias que convivem na localidade. Trata-se dos seguintes grupos de questões: (a) “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos / paraguaios / alemães / italianos, você compraria?”, (b) “Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a) / paraguaio(a) / alemão(ã) / italiano (a)? Por quê?” e (c) “Se precisasse de um médico ou dentista, procuraria um argentino / paraguaio / alemão / italiano? Por quê?”.<sup>1</sup>

O uso das designações ‘alemão’ e ‘italiano’ para a denominação dos falantes não se refere propriamente à nacionalidade desses falantes, mas à sua origem étnica, ou seja, trata-se de filhos ou netos de alemães e italianos. A opção por essas designações se justifica pelo fato de os próprios descendentes assim se autodenominarem como forma de se distinguirem dos “brasileiros”, isto é, daqueles nascidos no Brasil e sem descendência europeia.

Os dados obtidos nas respostas foram, primeiramente, contabilizados e representados em termos percentuais.<sup>2</sup> Os dados numéricos estão dispostos em tabelas, para melhor visualização, seguindo três categorias: respostas positivas, respostas negativas e outras respostas – nessa última categoria, foram consideradas em bloco as não respostas (oriundas de perguntas não formuladas) e os raros casos de dúvida ou desvio de foco por parte do informante. No entanto, para a discussão dos resultados, são consideradas apenas as respostas positivas e negativas, indicativas dos índices de aceitação e rejeição, mesmo que, em alguns casos, as perguntas não formuladas representem uma parcela significativa do *corpus*, especialmente nas perguntas sobre os paraguaios. Vale informar que, na análise, a expressão “índice de aceitação” sempre se referirá às tendências de reação positiva (representadas pelas respostas positivas), e a expressão “índice de rejeição”, às tendências de reação negativa (representadas pelas respostas negativas).

Por fim, é importante esclarecer que as tendências de reação frente a situações hipotéticas não garantem a efetivação das atitudes reativas correspondentes; apenas representa um indicativo de como o indivíduo poderia se comportar frente às situações, caso se efetivassem.

## **Análise dos dados**

Com relação ao primeiro grupo de questões analisado – “Se você fosse comprar uma casa num bairro onde só houvesse argentinos / paraguaios / alemães / italianos, você compraria?” –, os resultados expressos na tabela mostram que, em todas as situações, as respostas positivas superaram as negativas<sup>3</sup>.

1 Em Pranchita, as questões incluíam os poloneses, mas, para esta análise, foram selecionadas apenas as perguntas referentes aos grupos étnicos comuns aos questionários de todas as localidades.

2 Os percentuais foram arredondados para compor as tabelas, o que pode resultar em uma diferença de 1%, em algumas células, para porcentagens correspondentes ao mesmo número de informantes, de forma a garantir o total de 100%. Por exemplo, o percentual de 5,55% (correspondente a um informante) é normalmente representado como 6% na tabela; eventualmente, porém, esse número pode figurar como 5% para que a soma dos percentuais para determinada questão em dada localidade não ultrapasse os 100%.

3 As porcentagens informadas estão sempre em relação com o universo dos informantes (em que 100% corresponde a dezoito informantes), e não em relação com o total de perguntas formuladas e/ou respostas obtidas.

**Tabela 1: Reação dos informantes frente à possibilidade de comprar uma casa num bairro onde só houvesse membros de determinada etnia**

<i>Grupo étnico / Respostas</i>	<i>Localidade</i>	<b>Sto. Antônio do Sudoeste</b>	<b>Pranchita</b>	<b>Capanema</b>
	Comprariam	100%	78%	83%
<b>Argentinos</b>	Não comprariam	-	11%	6%
	Outras respostas / NF*	-	11%	11%
	Comprariam	50%	39%	44%
<b>Paraguaios</b>	Não comprariam	11%	33%	17%
	Outras respostas / NF	39%	28%	39%
	Comprariam	67%	61%	83%
<b>Alemães</b>	Não comprariam	28%	17%	6%
	Outras respostas / NF	5%	22%	11%
	Comprariam	100%	72%	89%
<b>Italianos</b>	Não comprariam	-	22%	-
	Outras respostas / NF	-	6%	11%

\* NF: Questões não formuladas.

No que diz respeito à possibilidade de comprar uma casa em um bairro onde morassem apenas argentinos e descendentes, observa-se alto índice de respostas positivas nas três localidades, especialmente em Santo Antônio do Sudoeste, onde todos os informantes se mostraram dispostos a morar num bairro onde houvesse apenas membros dessa etnia. Uma possível explicação para essa unanimidade é o fato de a travessia de um país para o outro ocorrer nessa localidade, por meio da ponte que a liga à cidade vizinha de San Antonio, e, portanto, concentrar-se aí a maior ocorrência de interações entre brasileiros e argentinos, o que pode colaborar para uma atitude de maior aceitação em relação aos argentinos. As justificativas para as respostas positivas, nas três localidades, giraram em torno da facilidade de trato social com os argentinos: “[...] eles são muito educados” (Inf. 17 – Pranchita); “[...] são gente, tudo gente boa” (Inf. 5 – Capanema).

As rejeições foram consideradas baixíssimas: apenas dois informantes de Pranchita e um de Capanema não se mostraram dispostos a morar num bairro onde houvesse apenas argentinos. As justificativas apresentadas foram as seguintes:

- (01) Que nem, **a gente é costumado aqui**, com as pessoas daqui, com os mesmo, né? **A mesma idioma, conversa as mesmas coisas**, então eu acho que... (Inf. 4 – Pranchita)
- (02) Por causo que **não é o nosso país**, sabe. [...] mas me parece assim que eles têm... sempre têm a suspeita, porque é brasileiro tem... pode ser ladrão, pode ser bandido, pode ser assaltante, pode ser isso. É bem por isso então, o espanhol, ele tem, assim no meu modo de pensar, esses argentino, **eles são muito desconfiado**. (Inf. 10 – Pranchita)
- (03) Eu me sentiria... **sem saber nem falar com eles, me sentiria estranho**, né, sozinho lá no meio do argentino. (Inf. 1 – Capanema)

Com relação aos paraguaios, é preciso informar que as perguntas constavam originalmente dos questionários de todas as localidades, mas, a partir das informações de muitos informantes sobre a raridade das interações com membros dessa etnia, os inquiridores, muitas vezes, deixavam de formular as perguntas relacionadas aos paraguaios.

Mesmo assim, as respostas obtidas podem dar indícios importantes sobre as crenças e atitudes com relação aos paraguaios.

Embora as respostas positivas sempre superassem as negativas, verifica-se que a diferença entre elas é menor que a verificada para os argentinos. Os informantes que justificaram a opção por não morar em bairro de paraguaios apresentaram razões ligadas a diferenças de língua e cultura, que podem, na visão dos informantes, dificultar o convívio.

- (04) Isso é **muito difícil**, né, **porque o povo fala muito guarani**, né, e a coisa fica muito complicado, acho que daí eu não... (Inf. 11 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (05) Paraguaio não. Acho **um povo muito... diferente do nosso**. (Inf. 12 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (06) Eles são uma descendência de gente que **a gente não pode se enfiar neles**... Paraguai... o guarani, ele... não pode se enfiar neles, eu não (inint.) Eu nem no Paraguai não vou passear. Conheço, tive lá umas duas, três vezes, mas não vou porque **eu sei o que eles fizeram, o que eles são**. (Inf. 5 – Pranchita)
- (07) Tipo, agora, **o sistema deles, assim, parece ser um dos mais ruinzinhos assim de compreender** e de você... parece que irrita aquela... não sei que língua é mesmo que eles falam, é **o guarani**, não sei se é o modo de cada pessoa falar, mas o jeito que muitos, principalmente os que eu vi, é **muito enjoado**, assim, parece que não é uma coisa que... eu acho que desde que você não entende, eles já param e ficam falando só coisas, né? (Inf. 7 – Pranchita)
- (08) Eu acho que eu teria um pouco mais de **preconceito**. (Inf. 14 – Pranchita)
- (09) Tudo bem, ó, eu não conheço os paraguaios, eu fui duas vezes lá no Paraguai, em Foz do Iguaçu, eu estive ali, **não conheço pra dentro, quem sabe seja muito bom, mas ali na Foz do Iguaçu, meu amigo, aí é complicado**, não sei se vocês conhecem... [...] De repente, eu tô entrando numa pegadinha, mas acho que **o Paraguai precisa aprender muita coisa** [...]. Ah, mas **tem esgoto correndo lá, cano que sai assim dos prédios e sai assim na rua**... [...] Ah, eu achei **horrível**... (Inf. 17 – Pranchita)
- (10) Eles já **são diferente**, né, **uma cultura diferente**, né. Pelo que a gente conviveu, né, que a gente aprendeu com eles, assim, conheceu deles, é um povo, **uma cultura bem diferente**. (Inf. 3 – Capanema)
- (11) Eu não sei, é... eu acho que já existe uma... uma ri... não é uma **rivalidade**, isso já vem, é... por causa dessa... desse confronto **que existia antigamente entre Brasil e Paraguai**, eu acredito que eles já... como até nós tava comentando ontem, por causa dessa guerra, eu acredito que eles devam ensinar nas escolas que o país que mais prejudicou o Paraguai deve ter sido o Brasil, né. (Inf. 9 – Capanema)
- (12) **Eu ficava um pouco desconfiado do paraguaio**. Ficava um pouco desconfiado devido à nossa fronteira [...], **talvez se fosse mais no centro, capital, mais cultura**, né, mas aqui na fronteira, eu não compraria. (Inf. 11 – Capanema)

Índices mais baixos de reação positiva (em relação aos dados sobre os argentinos) também foram verificados com relação aos alemães. Além da barreira da língua, os motivos apresentados têm também relação com uma suposta atitude discriminatória atribuída aos alemães, como mostram as respostas a seguir:

- (13) Mais difícil, porque **nós somos discriminados**, sabe? **Isso vem do povo**, sei lá, como **discriminação**, sabe? Tem de cor, raça, sabe... aqui mesmo, a gente tem pessoas que são alemãs, que discriminam certas pessoas, tá. (Inf. 10 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (14) **Eles são racistas**. (Inf. 12 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (15) **Por causa da descendência deles**. E cê tem outra... outra... vamo supor, outra nação de gente, **eles não se acertam, tem que ser o alemão com alemão**. Então não... (Inf. 5 – Pranchita)

Já com relação aos italianos, os resultados foram similares aos verificados com relação aos argentinos, com alto índice de aceitação. Dentre os que rejeitaram a possibilidade de morar em bairro onde vivessem apenas italianos, está o informante abaixo, a quem desagrada o uso do turpilóquio,<sup>4</sup> que já é considerado expressão étnica e elemento cultural ítalo-brasileiro (cf. FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2008):

- (16) Por causa da idioma deles, que **tem muitas palavras que não me agrada**, quem nem esse... Então, antes de dizer ‘*porco Dio*’, então diga ‘*porco*’, eles dizem ‘*porco Dio*’, que é Deus... chama Deus de porco, e eu já não... então **eu não me adapto**, eu não adapto muito com eles por causa disso. (Inf. 5 – Pranchita)

Os resultados para o grupo de questões “Você namoraria ou se casaria com um(a) argentino(a)/paraguaio(a)/alemão(ã)/italiano (a)? Por quê?” estão apresentados na tabela a seguir.

**Tabela 2: Reação dos informantes frente à possibilidade de relacionamento afetivo (namoro ou casamento) com membros de determinada etnia**

<i>Grupo étnico / Respostas</i>		<i>Localidade</i>	<b>Sto. Antônio do Sudoeste</b>	<b>Pranchita</b>	<b>Capanema</b>
<b>Argentinos</b>	Namorariam / Casariam		94%	44%	72%
	Não namorariam ou casariam		6%	39%	11%
	Outras respostas / NF		–	17%	17%
<b>Paraguaios</b>	Namorariam / Casariam		33%	33%	56%
	Não namorariam ou casariam		17%	33%	28%
	Outras respostas / NF		50%	34%	16%
<b>Alemães</b>	Namorariam / Casariam		61%	39%	83%
	Não namorariam ou casariam		11%	39%	–
	Outras respostas / NF		28%	22%	17%
<b>Italianos</b>	Namorariam / Casariam		89%	61%	94%
	Não namorariam ou casariam		–	11%	–
	Outras respostas / NF		11%	22%	6%

Com relação à possibilidade de relacionamento afetivo com argentinos, observa-se em Santo Antônio do Sudoeste um alto índice de aceitação: quase a totalidade dos informantes se mostrou disposta a namorar ou se casar com alguém dessa nacionalidade

4 O turpilóquio diz respeito ao emprego de termos torpes (blasfêmias, imprecções, etc.), especialmente fazendo referência a nomes sagrados, que caracteriza a comunidade italiana e seus descendentes.

(alguns até o fizeram de forma efusiva). Já em Pranchita, quase houve empate (a diferença é de um informante a mais para a resposta positiva). Em Capanema, o resultado para respostas positivas foi bastante superior ao de respostas negativas.

As justificativas para as respostas positivas geralmente apontavam para a beleza do(a) argentino(a) e, principalmente, para a simpatia em relação aos argentinos, como mostram estes exemplos:

- (17) [...] **acho elas bonita, eu acho elas bonita**. O modo delas falar, **acho bonito o modo delas falar**. (Inf. 5 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (18) Porque eu sinto aquela **simpatia** com a Argentina. (Inf. 17 – Santo Antônio do Sudoeste)

Já as justificativas para as respostas negativas se relacionam principalmente à questão das diferenças de língua e cultura:

- (19) É, **por causa do idioma** também, tudo... e **a fama deles namorador** (risos). (Inf. 4 – Pranchita)
- (20) Porque... ah, sei lá, **o tipo deles de viver é muito diferente do nosso**. (Inf. 8 – Pranchita)
- (21) **Eles são diferentes de nós**. (Inf. 4 – Capanema)

Quanto aos paraguaios, a pergunta não foi formulada à metade dos informantes de Santo Antônio do Sudoeste; entretanto, mesmo considerando a baixa porcentagem de respostas positivas em relação ao universo dos informantes, elas representam o dobro em relação às negativas. Em Pranchita, verificou-se um empate. Em Capanema, apesar de, numericamente, o resultado parecer ser mais representativo (56% e 28%) em comparação ao resultado de Santo Antônio do Sudoeste, a relação entre respostas positivas e negativas se mostrou idêntica à verificada nessa localidade, ou seja, o dobro de respostas positivas em relação às negativas.

Algumas respostas dos capanemenses mostram que o principal motivo para não namorar ou se casar com paraguaios está ligado às diferenças culturais:

- (22) Sei lá, um pouco mais diferente, **uma cultura diferente, né, da gente**, criado... **os costumes são diferentes** também, né. (Inf. 3 – Capanema)
- (23) Não, não. Eu queria até porque... a gente é, **pela origem deles mesmo, né, eles não tem muita, muito... esse asseio**, coisa assim, né, então... (risos). Não querendo ser assim, discriminar, né. Mas não. (Inf. 9 – Capanema)
- (24) **Acho que por costume, né? [...] É diferente**. (Inf. 12 – Capanema)

Quanto aos alemães, as justificativas para as respostas negativas, quando apresentadas, relacionavam-se à questão da língua.

Com relação aos italianos, também aqui se observa alto índice de aceitação. Em Pranchita, houve grande índice de perguntas não formuladas, e foi nessa localidade que se registraram as duas respostas negativas (sem razões apresentadas).

A tabela a seguir apresenta os resultados para o último grupo de questões – “Se precisasse de um médico ou dentista, procuraria um argentino / paraguaio / alemão / italiano? Por quê?” –, mostrando que as respostas positivas superaram as negativas em

relação a todas as etnias, com exceção dos resultados de Pranchita para os italianos, em que se verificou empate.

**Tabela 3: Reação dos informantes frente à possibilidade de recorrer a profissional de saúde de determinada etnia**

<i>Grupo étnico / Respostas</i>		<i>Localidade</i>	<b>Sto. Antônio do Sudoeste</b>	<b>Pranchita</b>	<b>Capanema</b>
<b>Argentinos</b>	Consultariam		78%	61%	61%
	Não consultariam		11%	28%	28%
	Outras respostas / NF		11%	11%	11%
<b>Paraguaios</b>	Consultariam		33%	50%	56%
	Não consultariam		17%	17%	33%
	Outras respostas / NF		50%	33%	11%
<b>Alemães</b>	Consultariam		78%	67%	83%
	Não consultariam		11%	22%	6%
	Outras respostas / NF		11%	11%	11%
<b>Italianos</b>	Consultariam		89%	33%	78%
	Não consultariam		11%	33%	11%
	Outras respostas / NF		–	34%	11%

Os informantes que se mostraram dispostos a procurarem um médico ou dentista argentino, de modo geral, alegaram que o fariam porque o que importa é a competência, o profissionalismo, e não o pertencimento a dada etnia. As justificativas para respostas negativas estão geralmente relacionadas à falta de preparo dos profissionais argentinos em relação aos brasileiros, devido principalmente à suposta situação de “atraso” em que se encontrariam as cidades argentinas próximas à fronteira.

- (25) [...] o problema da Argentina é que **eles tão bem aquém da nossa realidade**, eles tão... vamos dizer assim, dez a vinte anos, aqui na nossa região, aquém da nossa realidade. (Inf. 15 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (26) **Não teria confiança.** [...] É a maneira deles, são **meio largadão**. Eu acho que não teria aquela confiança que tenho num médico brasileiro. (Inf. 5 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (27) [...] eu acho que os curso deles não são que nem o nosso aqui no Brasil, eu acho que **eles não são muito bem preparados**. Eu acho que não, acho que **eu não confiaria**. (Inf. 4 – Pranchita)
- (28) **Não confiaria.** (Inf. 4 – Capanema)
- (29) Por causa que eu vejo falar tanto da medicina deles, que **não é de boa qualidade**, e pode ser que eu esteja errada, né, mas... (Inf. 12 – Capanema)
- (30) Agora entramos em um assunto que é porco. A maioria do pessoal da Argentina vem, até pra dentista, tudo aqui, loja, atendimento médico, posto, dentista é o que mais tem. [...] Não, não pela sensação, **não pela origem, mas pela situação que tá a cidade mais próxima aqui**. (Inf. 14 – Capanema)

Quanto aos paraguaios, desconsiderando-se o alto índice de perguntas não formuladas, principalmente em Santo Antônio do Sudoeste, pode-se considerar que, de forma geral, o índice de aceitação em relação aos profissionais dessa etnia é significativo. Po-

rém, as justificativas para respostas negativas dão indícios de uma visão de atraso político, educacional e cultural do Paraguai (da mesma forma que ocorre em relação aos municípios argentinos fronteiriços ao Brasil), o que se refletiria no preparo insuficiente do profissional paraguaio e no deficiente investimento em tecnologias na área da saúde.

- (31) Menos ainda [que o argentino]. [...] **A gente tem uma má impressão**, sei lá por quê... (Inf. 12 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (32) De um paraguaio, daí complica (risos). Acho que mais brasileiro, acho que **a gente confia sempre, né, nos da gente**, mais assim, né? (Inf. 14 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (33) Também por **falta de conhecimento, talvez falta de confiabilidade**, né, e de **local** que a gente conhece que eles trabalham lá, e **equipamentos** também, né. (Inf. 3 – Capanema)
- (34) Eu acho um pouco por causa da política, né [...] que nem eu falei, **a estrutura, eu acho que Paraguai falta muito crescer**, né, é o ensino, o... parte funcional deles, né. (Inf. 9 – Capanema)
- (35) [...] pode ser que eu esteja enganada, mas é... menos, **tem menos desenvolvimento lá, menos escolaridade do que aqui**, né... então eu teria **falta de confiança**. (Inf. 12 – Capanema)

Em relação aos alemães, o índice de aceitação foi bastante significativo. Ao contrário dos paraguaios e argentinos, os alemães são vistos, de modo geral, como mais competentes e dedicados, como exemplificam as respostas a seguir:

- (36) Com certeza, **teria informação bem mais...** até pela... **pela cultura** e pela... **pela descendência**, acredito que **seria bem melhor do que um argentino**. (Inf. 15 – Santo Antônio do Sudoeste)
- (37) Eu sim. E por cima, **eles são muito inteligente**. (Inf. 10 – Pranchita)
- (38) Ah, porque também **são bem confiável** nessa parte, né. (Inf. 3 – Capanema)

Por fim, os índices de aceitação em relação à possibilidade de consultar profissionais de origem italiana foram bastante significativos nas localidades de Santo Antônio do Sudoeste e Capanema. Em Pranchita, houve empate entre respostas afirmativas e negativas (um terço cada), e alto índice de perguntas não formuladas (também um terço (33%).

## Considerações finais

Os resultados mostram, de modo geral, tendências de reação positiva por parte dos informantes com relação a todas as etnias, embora com diferentes índices de aceitação e rejeição entre uma etnia e outra. As justificativas apresentadas para as respostas positivas geralmente dizem respeito à desvinculação da etnia às atitudes dos informantes (morar em bairro x, namorar pessoa y, consultar médico z), ou seja, o pertencimento étnico do(s) indivíduo(s) não seria em nada decisivo para as escolhas do informante. As respostas negativas, por sua vez, dizem respeito muito mais à possibilidade de não compreender o idioma do outro do que propriamente uma rejeição linguística/cultural com relação a indivíduos e grupos de outras etnias.

No entanto, algumas respostas – embora pouco representativas – dão margem a interpretações no sentido de que determinados grupos são mais rejeitados que outros, com recurso, inclusive, a estereótipos relacionados aos membros das diferentes etnias. São as

respostas desse tipo que se procurou destacar neste estudo, pois representam uma espécie de delimitação entre o “nós” e “os outros”. Verifica-se, portanto, que as relações afetivas, profissionais etc. são mediadas por questões identitárias. Entende-se que o conceito de identidade, definido tanto de forma objetiva quanto subjetiva, envolve a questão da língua, porque uma comunidade também se caracteriza pela(s) variedade(s) linguística(s) usada(s) em seu seio, e também porque a percepção do comunitário e do diferencial se faz especialmente evidente por meio dos usos linguísticos (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Conforme Aguilera (2008, p. 106), “[...] a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”. Nesse sentido, se as questões de caráter conativo atuam coerentemente com as de caráter cognitivo e afetivo, como propõe a abordagem mentalista, os resultados deste estudo permitem prever que também as crenças e a valoração atribuídas às variedades faladas nas localidades do Sudoeste do Paraná e aos seus falantes serão majoritariamente de prestígio, especialmente no que diz respeito aos argentinos e italianos e suas respectivas variedades.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora. Digitado].

\_\_\_\_\_. *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.

BEM, D. J. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. (Coleção Ciências do Comportamento).

BLANCO CANALES, A. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

CALVET, L. J. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcioni-lo. São Paulo: Parábola, 2002.

FISHMAN, J. A. *The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society*. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. Turpilóquio: o léxico do falar na linguagem oral da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Pelotas: Educat, 2008. v. 8, p. 255-256.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 11, 1996, Las Palmas de Gran Canaria. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996. v. 2, p. 1027-1042.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard: Harvard University Press, 1982.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAZIER, H. *Paraná: terra de todas as gentes e de muita história*. 3. ed. Francisco Beltrão: Grafit, 2003.

LIEBKIND, K. Social psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 140-151.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

PADILLA, A. M. Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 109-121.

PASTORELLI, D. S. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SILVA-PORELI, G. A. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita – PR: um estudo das relações do português com línguas em contato*. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

STURZA, E. R. *Línguas de fronteira: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras*. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 47-50, abr./jun. 2005.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

WACHOWICZ, R. C. *Paraná, sudoeste: ocupação e colonização*. Curitiba: Lítero-Técnica, 1985.